

4. Religião

Um exemplo famoso do uso da religião como tentativa de mudança social foi a da Teologia da Libertação, que teve em Leonardo Boff um dos seus expoentes. Esta foi, inclusive, usada como base para que se repensasse a Teologia Moral Cristã sobre a questão homossexual (Leers; Traferetti, 2002). Dai, surgiu a noção da necessidade da inclusão religiosa.

É incompleto o entendimento de como funciona a sociedade sem perceber a importância da religião como um de seus fatores estruturantes. Ela pode ser instrumento de inclusão ou exclusão de segmentos da sociedade. Logicamente, em si mesma não é nem uma nem outra; a forma como é praticada (e ensinada) é que a torna uma das duas opções. Portanto, a inclusão ou exclusão se dá não na religião em si, mas na forma com que os grupos religiosos atuam, desenvolvendo seus valores, sua visão da moral e do mundo.

Grupos religiosos (principalmente os cristãos) tem, como base, ensinamentos que entendem como universais e imutáveis. Quem discorda destes, passa a ser 'herege', excomungado ou algo parecido; excluído, poderíamos dizer. A partir de uma leitura literal das escrituras teológicas (seja da Bíblia, seja de qualquer outra), terminam por alijar vários segmentos sociais. Temos como o exemplo das mulheres na tradição cristã, que não têm direito a presidir a celebração das missas.

Uma leitura literal dos textos sagrados, aliada a uma visão patriarcal, excluem as mulheres da Igreja, de uma forma mais ampla. Com os homossexuais, dá-se de maneira semelhante, embora a exclusão seja não por condição social e sim por ser um pecado, algo que seria intrinsicamente errado do ponto de vista teológico. Baseada em algumas passagens bíblicas, exclui-se o homossexual de qualquer participação possível em ritos ou vida religiosa. Entre elas, uma das mais conhecidas:

“Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher; isto é uma abominação”, do Livro de Levítico - 18:22 - parte do Antigo Testamento (Bíblia Sagrada, 1982).

Passagens como esta reforçam o posicionamento da nossa sociedade; o discurso religioso aqui usado (de que a homossexualidade é passível de condenação) é retirada diretamente da Bíblia e se torna um alicerce e mesmo um último bastião usado por quem deseja a exclusão deste ou de qualquer outro grupo. A religião passa a ser uma fundamentação ideológica para que se pratique a exclusão. Mas ela também pode ser usada para permitir a inclusão social. Pode ser usada como ponte para uma maior auto-estima, uma autonomia que leve a entender que essas pessoas possuem direitos.

Vários autores escreveram sobre a importância do fenômeno religioso na vida humana. Há mesmo um consenso sobre a predisposição inata da religiosidade. Entre os autores, destaco Jung (1971), Kierkgaard (2004), Durkeim (1970), Rousseau (Budó, s/d) e Kant (2004). Não me proponho a discutir a fundo o que cada um deles escreveu; também não penso que a religião discutida tenha o mesmo significado para todos. O que pretendo mostrar é que grandes pensadores, de diferentes setores, perceberam (e discutiram) a importância desta para o entendimento do homem e da sociedade.

Jung (1971) defendeu que a dimensão religiosa é condição imprescindível para a existência e realização humana. Pensava que a religião estava centrada nas necessidades pessoais do ser humano e seu uso potencializava o desenvolvimento humano, não apenas em relação a si, mas em relação a sociedade como um todo.

Kierkgaard (2004) também pensou a dimensão religiosa como sendo *sine qua non* para uma construção saudável da existência humana, frente às experiências boas ou ruins pelo qual passa o ser humano.

Durkheim (1989) entendia a religião como um fenômeno social, tendo nesta tanto a sua origem como natureza. É a representação dos valores, dos princípios morais fundantes da sociedade.

Rousseau (Budó, s/d) admitia a existência de uma religião natural e uma força superior que moveria o universo, que poderia ser chamada de Deus, estando relacionada à inteligência, bondade e justiça. Seria o temor a Deus um dos

motivos que fariam com que o ser humano se comportasse de forma a respeitar seu semelhante.

Kant (2002) também acreditava na existência de um ser que teria criado o universo.

A religião, como elemento de inclusão social para as travestis, não foi suficientemente investigada (Pereira, 2004). Por que, se é uma possibilidade de reintegração do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade? Há exemplos de pessoas que “tiveram um melhor convívio social” após “sua inclusão na comunidade religiosa” (Idem). Portanto, esta tem, em seu bojo, um poder de mutação das realidades sociais.

Se em outras instâncias, como a escola, o indivíduo não tem como afirmar a sua identidade, já que esta é vista como antinatural e negativa, pode buscar na religião esta afirmação, dando um significado para a sua vida dentro da sociedade. A religião tem um poder de integração social (Bourdieu, 1998). Este poder poderia possibilitar a inclusão da travesti em um determinado grupo social?

Outro aspecto importante da religião é que esta ajuda o indivíduo a vencer os desafios e sofrimentos da vida. Um exemplo dado por Pereira (2004) é o da pesquisa que realizou com mulheres pobres que alcançam “esperança e um novo sentido para a vida” (idem), após o ingresso em uma instituição religiosa cristã. Tratava-se de um grupo de mulheres de classe pobre, que encontraram na religião forças para suportar as dificuldades e os obstáculos em suas vidas. Durante a minha pesquisa, esta hipótese surgiu; decidi investigar o tema, tomando-o como objeto desta dissertação. Como as entrevistadas relataram pertencer a diversas religiões, estudei a visão destas sobre a homossexualidade e, mais especificamente, sobre a travestilidade.

4. 1. Posicionamentos das religiões sobre a homossexualidade

4. 1. 1. Religiões cristãs tradicionais

4. 1. 1. 1. Religião Católica Apostólica Romana

A religião católica não aceita a prática do homoerotismo. Embora não se pronuncie sobre a sua causa, prega que os homossexuais devam praticar a abstinência.

Assim se expressa, no Catecismo da Igreja Católica (Catecismo da Igreja Católica, s/d) sobre a homossexualidade:

“Parágrafo 2357 (...) Sua gênese psíquica continua amplamente inexplicada. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos de homossexualidade são intrinsicamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados.

Parágrafo 2358. Um número não negligenciável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta inclinação objetivamente constitui, para a maioria, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta”.

Sobre o comportamento ‘adequado’ dos homossexuais cristãos:

“Parágrafo 2359. Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio,

educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã”.

Portanto, segundo constatam Leers e Trasferetti (2002):

“A idéia central é esta: a natureza humana é heterossexual. Homem é para mulher e mulher é para homem. Ambos se destinam ao matrimônio e esse à procriação. Conseqüentemente, atos homossexuais são contrários à natureza e contra a lei que se baseia nela. Dentro do pensamento teológico, essas idéias existenciais são relacionadas à esfera religiosa, Deus, criador do homem e da mulher, de modo que atos homossexuais entram no circuito do pecado e da condenação, sem exceção nenhuma” (ps. 9-10).

A homossexualidade passou a ser identificada com pecado contra a natureza com São Tomás de Aquino (Filho, 2000); assim, contrária à natureza estipulada por Deus, seria também contrária aos próprios desígnios divinos:

“A relação entre pessoas do mesmo sexo alteraria a ordem natural do universo, colocando o homem no lugar da mulher e vice-versa, e impediria a procriação, o que seria o fim natural da sexualidade” (idem, p.120).

Assim, qualquer ato sexual deveria ser para a procriação (além daquele realizado nos períodos infecundos, como controle de natalidade³³); apenas o heterossexual seria visto como ‘natural’, sendo, todos os outros, aberrações que deveriam ser evitadas e, quando descobertas, punidas:

“O importante é que com santo Tomás de Aquino, a homossexualidade deixou de ser o que fora até então, um pecado ligado a outras formas de fornicção, tão grave como o sexo fora do casamento e menos que o adultério, para tornar-se uma falta de enormidade sem tamanho, odiado pela maioria e um dos comportamentos mais severamente reprimidos pela Igreja (...) os atos homossexuais deixaram de ser vistos como um pecado menor, uma simples fornicção, ou um excesso de sensualidade praticado por pessoas educadas e clérigos, e transformou-se num pecado gravíssimo, nefando, que sequer deveria ser mencionado” (Filho, 2000, p.121).

No entanto, embora na ‘contramão’ da doutrina católica oficial, há padres que acolhem a homossexualidade como uma sexualidade possível e não como um pecado. Parece mesmo haver cada vez mais sacerdotes defendendo este ponto e propondo uma maior inclusão por parte da Igreja Católica.

O Padre italiano, Cardeal Martini, assim se declarou, em 2008:

“Entre os meus conhecidos há casais homossexuais, homens muito estimáveis e sociáveis. Jamais me foi perguntado e nem me teria vindo em mente condená-los” (Diversidade Católica, 2008).

³³ Segundo o professor Luis Corrêa Lima, durante orientação realizada em 2008, na PUC-Rio.

Já o Padre Chris Glaser (Leeds; Trasferetti, 2002), por exemplo, defende abertamente a homossexualidade como uma orientação possível e devendo ser aceita socialmente. Chega, inclusive, a destacar a orientação homossexual como um carisma, positivando-a em relação á heterossexual, no livro de sua autoria, *Coming Out as a Sacrament*, de 1998 (Igreja da Comunidade Metropolitana, 2008). Neste, afirma mesmo que a descoberta e aceitação da homossexualidade pode ser comparada a um Sacramento, como o Batismo. Segundo ele, Deus faz um chamado às pessoas LGBT para viverem em plenitude sua homossexualidade; deve-se, inclusive, abandonar a identidade anterior, a ‘falsa’ heterossexual. Convida, pois, às pessoas homo para ‘saírem do armário’ (Leeds; Trasferetti, 2002).

No Brasil, um desses expoentes é o Padre José Trasferetti, da paróquia de São Geraldo Magela, em Campinas. Seu trabalho teve início quando teve contato com travestis que moravam na paróquia. Era a época em que o tema da Campanha da Fraternidade (que muda de ano para ano) era “Fraternidade e os Excluídos”, em 1995. Começou a freqüentar as casas de paroquianos gays e travestis. Percebeu que eram fervorosos católicos: tinham imagens de santos católicos espalhados pelas casas, rezavam o terço, faziam orações diárias. Constatou como era dura a situação das travestis, em particular; e de como tinham vontade de continuar pertencendo à Igreja Católica. Fundou então a Pastoral dos Excluídos, cujo foco era basicamente na população gay. Ficou conhecido em todo o Brasil, como o padre fundador da Pastoral Gay, embora este título não seja correto.

Celebra, até os dias de hoje, missas com a participação de travestis. No primeiro momento, o fato causou estranhamento na população local; no entanto, a aceitação veio com o tempo e já não escandaliza como antes. O Padre Trasferetti escreveu alguns livros, dentre os quais cito *Pastoral com Homossexuais* (1998), aonde descreve o início de sua Pastoral e como foi a experiência com os homossexuais e travestis. Outro livro, em parceria com o sacerdote franciscano Bernardino Leers (2002), tem um tom mais acadêmico; escrito de maneira menos informal, discorre sobre a Teologia Moral Católica. Neste, questiona os ensinamentos tradicionais e contesta a visão de pecado homossexual que supostamente estaria contida em textos bíblicos.

Há também o padre salesiano José Gonçalves (Leers; Transferetti, 2002), que é psicólogo e sociólogo. Segundo ele, há três tipos de homossexualidade:

- aquela em que há uma revolta contra o sexo oposto;
- a transitória, na qual há curiosidades no campo da sexualidade, sendo que passaria com o tempo;
- a com tendências homossexuais, que provavelmente teria uma explicação na genética (o gene gay).

Enquanto a primeira causa poderia ser passível de tratamento psicológico, visto que não seria uma homossexualidade ‘verdadeira’ e sim causada por neurose, a terceira seria ‘normal’ e poderia ser aceita pela Igreja. Baseia-se no seguinte argumento: se o heterossexual tem o direito de ter relacionamentos sexuais com o sexo oposto, porque o homossexual também não poderia com aqueles do mesmo sexo, já que haveria uma origem genética, sendo, portanto, natural?

Há também padres que defendem a necessidade de que sejam criados ‘pólos missionários’ para os homossexuais; pastorais reconhecidas pela Igreja, aonde houvesse um trabalho de acolhimento deste público. Entre eles, o Padre Pedro C. Cipolini (Campinas) e, fora do Brasil, o Padre Domenico Pezzini, de Portugal. Nestes centros, o homossexual poderia encontrar com seus semelhantes sem que houvesse a necessidade de ocultar sua identidade homossexual.

4. 1. 1. 2. Religiões reformadas³⁴

As igrejas reformadas também condenam o homoerotismo. Sobre o assunto, o líder que pensou a Reforma Protestante, no séc. XVI, Martinho Lutero:

³⁴ No Brasil, há várias denominações para estas igrejas. Neste texto, usarei as denominações usadas pelos próprios entrevistados, isto é, igreja reformada protestante ou igreja evangélica.

“Por isso, cada qual tem que aceitar o corpo tal como Deus lho criou, e não está em meu poder transformar-me em mulher, e não está em teu poder transformar-te em homem. Tal como fez a ti e a mim, assim somos: eu um homem, tu uma mulher (Gomes, 2006, p. 14)”.

De acordo com os preceitos dos evangélicos, a homossexualidade é causada por uma incorporação de demônios. Portanto, o homossexual precisa ser exorcizado e curado.

“O propósito de Deus é a família. A primeira sociedade. A prática homossexual é desnatural, condenável. A Bíblia diz isto em Levítico 2:13. Vemos também em Romanos 1:26-27, em Apocalipse 21:27 e I Cor. 6:1. Vemos homossexualismo como uma desordem sexual causada por problemas emocionais onde Satanás ataca poderosamente, pois leva-se em conta que o viciado, depois de certo tempo, arruma variadas desculpas para justificar o seu ato e se recusa a reconhecer o próprio erro como fulminante, da mesma forma que age o alcoólatra e outros mais. É um desvio, um vício, uma perversão, um comportamento adquirido. Quando um lar é embasado no amor sólido um pelo outro, com certeza os filhos não terão anormalidades”.

Há um caso conhecido de uma suposta “cura” da homossexualidade através de exorcismo. Ocorreu com a travesti Sandra Le Baron, que atualmente retomou o nome masculino, Pedro. Atualmente, ele é pastor, casado e tem três filhos. Sua história é relatada no livro *O Diamante* (Bravo, 2001). Travesti desde os doze anos, encontrou a sua conversão na igreja. É particularmente interessante a parte do relato em que ‘se liberta’ da homossexualidade. Está sentada no primeiro banco da Igreja e:

“(...) sentia-se isolada na multidão que ali estava. O líder religioso começara as orações e os louvores eram entoados. De repente, Sandra começa a espernear dando cabeçadas por todo lado. Puxa os cabelos. Os membros da Igreja começam as orações em prol da vida ali estendida no chão a rolar, a urrar. Passam-se alguns segundos e eis uma nova cena a surgir. Todos gritam, admirados: -É homem, não é possível! É Pedro quem retorna. Dona Ana Maria procura uma fita para amarrar-lhe os longos cabelos, mas não acha. Resolve então tirar a fitinha (marcador) de sua Bíblia e faz uso dela. Pedro agora sai do Templo já liberto. Satanás é derrotado” (Bravo, 2001, p.46).

Passados alguns dias, Pedro encontra um rapaz, que se oferece para cortar seus cabelos longos, resquícios de sua ex-identidade travesti agora ‘liberta’: “Ao primeiro corte, caiu a primeira potestade e assim foi até o final, caindo uma e mais outra e legiões foram saqueadas” (idem, p.37). Portanto, uma alma foi ‘conquistada’ e a legião, exército de Satanás, perdeu um membro. Anos depois, encontra uma moça, com quem se casa. Após algum tempo, “a sucata transformada presenteia sua esposa com três santidades: Daniel, Débora e Samuel” (ibidem, p.58).

4. 1. 2. Candomblé e umbanda

As religiões afro-brasileiras são as mais inclusivas, neste sentido. Aceitam os homossexuais, mas com algumas reservas. Por exemplo, nos terreiros, os homossexuais (gays, travestis ou transexuais) devem vestir-se de acordo com o seu sexo biológico (e não seu gênero). Por que uma aceitação maior? Nas religiões afro-descendentes, entende-se que as entidades que habitam o mundo espiritual assumem formas tanto masculinas quanto femininas:

- Oxalá, deus Criador, tem uma metade que é feminina; tem, inclusive, um rapaz amante (segundo uma versão mítica);

- Logum-Edé, que se apresenta como másculo caçador, transforma-se (de tempos em tempos) em ninfa que vive em águas doces;

- Iansã, embora feminina, veste-se com uma calça comprida, que fica sob a saia.

Portanto, quem ‘possuir’ esses dois aspectos (masculino e feminino) teria maior aptidão para transitar no mundo espiritual, servindo melhor como receptáculo para as entidades ‘incorporarem’, já que elas por vezes assumem aspectos femininos, às vezes masculinos. Embora aceitas nos centros, as travestis, geralmente, tem que vestir-se de acordo com as convenções sociais, como relatado em Seminário da UFRJ³⁵ (2008); assim, vestem-se como homens (embora este caso não seja necessariamente válido para todos os Centros). Nos terreiros de candomblé, acontece o mesmo. Como constatado nesta enquete do Orkut³⁶, que versava sobre entrada de travestis no Candomblé. Assim se pronunciaram os candomblecistas, em relação ao tema:

“- Aqui no RJ tem um travesti quer coloca baiana (...) mas não concordo com isso (Marcos)”.

“- Um travesti pode ser ekedi³⁷? Jamais o será em uma roça de respeito... (Joana)”.

“- Na roça ele (a travesti) se veste normal... com as roupas que deve usar (...) mas na roça a roupa que ele usa é as que são permitidas...” (Marcos).

³⁵ Seminário *Religião e sexualidade na contemporaneidade*, realizado em 24 e 25 de setembro de 2008, no campus da UFRJ (www.ess.ufrj.br).

³⁶ É comum alguns sites da Internet, como o Orkut, promoverem enquetes nas quais os membros de uma comunidade virtual discutem sobre determinado tema.

³⁷ Ekédi (ou ekedy) é um cargo feminino, com funções cerimoniais no terreiro.

“- Não sou preconceituosa de forma alguma (...) mas acho que com relação a ogãs³⁸ e ekedys, cada coisa no seu lugar! Nunca vi uma ekedy travesti! E nem ogã pelo menos na minha casa não!” (Joana).

“- Nada tenho contra o homossexualismo, apenas não aceito uma pessoa (...) dentro do terreiro, não aceito pessoas travestidas (...) Eu não aceito isto em um terreiro por nada no mundo (...) Não sou contra opção sexual, sou contra ... dentro do de um terreiro... acho que tudo tem um limite...” (Breno).

Então, embora seja uma religião mais ‘aberta’, que não pretende a estigmatização ou preconceito, na realidade não se mostra assim de acordo com os membros. As travestis podem freqüentar sim, contanto que se adéqüem ao modo tradicional de vestimenta e de comportamento (heterossexual).

Portanto, parece equivocado pensar que ocorre uma aceitação plena, por parte destas religiões afro, sobre as travestis. Se nem mesmo os homossexuais são aceitos sem reservas, o que se dirá delas.

4. 1. 3. Doutrina Espírita

Há também certa aceitação por parte dos centros espíritas. Segundo a doutrina espírita, através da reencarnação (volta das almas ao plano material), há a possibilidade do *karma*. Este se baseia na lei da causa e efeito; no tempo presente, uma ‘dívida’ de sua vida anterior seria saldada. Haveria um ‘resgate’ por um erro causado em vidas passadas: “A inversão resulta, também, de expiação, envolvendo Espíritos comprometidos em abusos sexuais” (IRC-Espiritismo, 2003).

³⁸ Ogã se refere a homens que tem funções no terreiro. Entre elas, tocar os atabaques durante as celebrações.

Como exemplo: se uma pessoa nasce ‘invertida’ sexualmente, ela poderia estar ‘pagando’ por ter abusado sexualmente de alguém do sexo oposto, em reencarnação passada. No caso das travestis ou transexuais, elas habitarem um corpo que não condiz com seu gênero (corpo masculino e gênero feminino) pode ser uma forma de pagamento deste *karma*. Os espíritas, ao entenderem desta maneira, terminam promovendo uma maior aceitação das travestis e transexuais.

No entanto, não é algo necessariamente aceito por todos os espíritas, como fica claro no texto abaixo, que propõe alguns questionamentos aos homossexuais:

“- Com que finalidade encarnou num corpo masculino, tendo uma alma predominantemente feminina?

- A finalidade seria desenvolver em sua alma as características do gênero biológico masculino, da presente encarnação?

- Seria conveniente desperdiçar esta oportunidade, deixando-se levar pelas tendências psicológicas inatas?

- A opção por manter uma vida homossexual representaria uma recusa inconsciente de constituir família, gerar filhos e assumir a missão de acolher Espíritos necessitados de reencarnação?

- Não haveria nessa decisão um traço de egoísmo, de falta de capacidade de dividir?

- A opção pelo homossexualismo não representa um sinal de apego exagerado às sensações da matéria?”(IRC-Espiritismo, 2003).

Segundo a doutrina espírita, a própria pessoa escolhe a condição de vida da próxima encarnação: se será homem, mulher, heterossexual, homossexual e em qual família encarnará. Portanto, a escolha por nascer (reencarnar) homossexual é escolha do próprio indivíduo. Essa pessoa escolhe a forma que melhor se adequar para ter evolução espiritual. Ela então pode ‘escolher’ ser homo ou heterossexual.

Não encontrei nenhuma lista de questionamentos acerca da condição de reencarnação hétero, apenas na homossexual. Portanto, parece que esta última é uma condição especial do ser humano, não ‘natural’ como a heterossexual.

Segundo o fundador do Espiritismo, Alan Kardec, sobre o homem atrasado espiritualmente (que não alcançou certo nível espiritual):

“Mudando de sexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e certas mulheres” (Revista Espírita, 1993, p.3-4).

Também poderia ter outra causa. Um indivíduo poderia estar sendo obsediado por um espírito que teria uma posição inversa à sua. Seria algo como um ‘encosto’ homossexual. A vítima deste ‘encosto’ então passaria a ter práticas homossexuais não porque fazem parte de sua natureza, mas sim por força de um espírito de sexo oposto.

Este espírito de sexo oposto, que estaria obsediando o indivíduo, poderia, em caso de uma interação intensa e que durasse bastante tempo duradoura, passar a ‘sentir prazer sexual semelhante á sua vítima, pervertendo-se nesse campo e se condicionando a uma vivência homossexual em uma próxima encarnação’ (IRC-Espiritismo, 2003). Assim, o espírito obsessor, em próxima encarnação, passaria ele também a ter sentimentos homossexuais; não por ser de sua natureza, mas por ter se acostumado a isso, quando obsessor. Seria um ‘tiro pela culatra’(idem)!

A seguir, apresento alguns textos, nos quais autores espíritas problematizam a questão homossexual. No tocante à causa da homossexualidade, Raul Teixeira, Doutor em Educação, escreve (1994):

“Proveniente dos recônditos da alma, onde se alocam reminiscências de desrespeito e de crimes hediondos, cometidos contra as leis morais que são presentes nas consciências humanas, ou, por outro lado, decorrentes de processos educacionais deletérios que se apoiaram em inclinações morais deficitárias, ainda não suficientemente amadurecidas para a verdadeira liberdade, os dramas homossexuais têm lugar na intimidade das criaturas, largamente. Motivados, ainda, por terríveis programas obsessivos, que antigos inimigos desencarnados engendram por vingança ou, ainda, decorrentes de perturbações psiquiátricas não devidamente diagnosticadas, explodem quadros homossexuais, aqui e acolá (...) Desembocam no estuário dos conflitos da homossexualidade infundáveis gravames (...) provenientes de passadas encarnações, quando o abuso do próprio corpo e dos corpos alheios, a agressão à própria constituição emocional e às constituições alheias determinaram os torturantes quadros de agora, na esfera da sexualidade (...)” (p.73-74).

Como devem se comportar (Teixeira, 1994):

“Amar jamais será desaconselhável seja entre quem for. Não obstante, o homossexual não necessitará mergulhar nos pântanos da pederastia, tampouco as homossexuais carecerão perder-se nos viscos do lesbianismo, nas voragens da relação carnal. Se um companheiro ou uma companheira percebe em si as inclinações homossexuais, que procure identificar nisso os gritos da expiação, induzindo à educação para que a vida seja vitoriosa” (p. 75).

Sobre a castidade, assim se expressa o psiquiatra Jorge Andréa (1979):

“Para o homossexual existirá necessidade intransferível de vivência na castidade construtiva, a fim de encontrar a harmonia para as futuras formações corpóreas que as reencarnações podem propiciar. Dúvida não pode haver de que cabe aos homossexuais buscar sua reforma íntima, resistindo aos arrastamentos instintivos e sensuais que os acometem (...) Quem se omite ou finge não perceber graves problemas morais na pederastia ou no lesbianismo, engana-se a si mesmo e contribui para propiciar, por inação, terríveis males para o ser imortal, com sensíveis repercussões na própria casa espírita.” (Andréa, 1979, p. 35).

O bacharel em Economia e Administração, Eurípedes Khúl, assim se expressa sobre este ponto:

“Manter sob controle” é entender (...) que somente a abstenção, agora, livrará seu portador de maiores problemas, já nesta, quanto em vidas futuras (...) A oração, o Evangelho e a vontade, juntos, darão ao homossexual outros prazeres, outras compensações, pacificando assim o corpo e Espírito” (IRC-Espiritismo, 2003).

Portanto, através da sublimação (conceito psicanalítico, em que há um redirecionamento da libido para algo socialmente valorizado), o homossexual conseguirá se livrar de “tão tormentoso débito” (idem).

Alguns exemplos de sublimação são dados, também por Khúl:

“o exercício continuado da caridade fará com que a tela mental se reedueque, substituindo hábitos infelizes por amor fraternal ao próximo; se as forças sexuais forem divididas entre estudo, lazer e ações de fraternidade, elas se converterão em aspiração

evolutiva espiritual, anulando os impulsos deletérios do desejo” (IRC-Espiritismo, 2003).

Sobre a lei natural, Imbassahy (idem) pensa:

“O homossexualismo como prática costumeira em detrimento do hetero (sic) é pernicioso porque contraria a lei natural dos seres vivos. Só as lesmas são bissexuais; isso deve ser ponderado para análise.” (IRC-Espiritismo, 2003).

Sobre as conseqüências da homossexualidade, Pires (1987) escreve:

“Se os abusos heterossexuais (ser dado à poligamia, a orgias, a sadomasoquismo, a necrofilia, a pedofilia etc.) comprometem nosso corpo físico e nosso equilíbrio sexual, que dizer das práticas homossexuais? Tais condutas afrontam leis naturais (leis de Deus, portanto) como a da reprodução, a da procriação e a da continuidade das espécies, além de levar ao uso de certos órgãos diversamente do que recomenda sua biologia, sua fisiologia e sua concepção estrutural. O homossexualismo também implica grave comportamento omissivo diante da lei geral da reencarnação. Se os casais homossexuais proliferam, perdem-se valiosas oportunidades reencarnatórias, pois que evidentemente não haverá procriação. Logo, menos Espíritos poderão evoluir nas provas terrenas, o que repercute negativamente sobre toda a humanidade” (p.31).

Sobre como proceder com os homossexuais, o autor Aras escreve que:

“(…) não podemos encarar o grave problema da homossexualidade com despreocupação, cedendo apenas aos apelos de uma conduta que se supõe politicamente correta (...) O homossexual (como também o heterossexual desregrado) não é um ser em equilíbrio espiritual. Ao contrário, tanto um quanto outro quase sempre estão sob cerrado ataque fluídico negativo ou em estrito conluio psíquico com entidades trevosas” (IRC-Espiritismo, 2003).

E Khúl (idem):

“Os verdadeiros espíritas e os verdadeiros cristãos, que são a mesma coisa, sentem um enorme dó diante de uns e outros – os homossexuais e os seus radicais detratores (...) Os homossexuais não são passíveis de críticas, senão de esclarecedoras luzes espíritas em suas sensíveis almas, iluminando seu presente (...) A homossexualidade, seja “provação”, seja “expição”, sempre coloca seu portador em situação delicada perante a sociedade, já a partir do lar. Em casa, de nada adiantarão brigas entre os pais (...) Violência ou ameaças contra filhos portadores da homossexualidade, geralmente agravarão a convivência, tornando-a insuportável. O confronto entre os costumes sociais e as exigências da libido já expõe o homossexual a um penoso combate (...) Dificilmente, sem ajuda externa, ele se livrará dos perigosos caminhos do abandono do lar, da promiscuidade, dos tóxicos, da violência e até mesmo do crime (...) Os pais (...) jamais condenarão o filho ou a filha, mas também jamais deixarão de orientá-los quanto à necessidade do esforço permanente para manter sob controle os impulsos da homossexualidade (...)” (IRC-Espiritismo, 2003).

Khúl escreve ainda:

“Jamais faltarão mãos amigas para acolher “os filhos pródigos” que retornarem à Casa do Pai, depois de terem morado algum tempo em casas afastadas do Bem!” (IRC-Espiritismo, 2003).

Sobre como os religiosos devem proceder nos centros espíritas, em relação aos homossexuais (Andréa, 1979):

“(…) cabe aos dirigentes das casas espíritas agir com tato para vedar a participação de pessoas que se dediquem a práticas homossexuais nos trabalhos do centro espírita, principalmente nas tarefas vinculadas à mediunidade e à doutrinação. No que tange ao mediunato, muito grave seria permitir que uma pessoa em desarmonia sexual se lançasse ao intercâmbio mediúnico. Quantos processos obsessivos e interferências deletérias poderiam daí advir? A lei de afinidade informa que semelhante atrai semelhante. Evidentemente, isso não significa que se deve afastar por completo o homossexual (e o heterossexual desregrado) do trabalho doutrinário. Não, em absoluto (...) as tarefas desses irmãos devem-se reduzir, durante determinado período, à assistência a palestras, ao recebimento de tratamento fluidoterápico e à participação em grupos de estudo direcionados à compreensão da problemática sexual (...) para sua própria edificação. Quando recuperados, podem, como qualquer pessoa, integrar-se às atividades da casa espírita.” (Andréa, 1979, p. 31).

A condição homo, portanto, seria condição direta de alguma ‘falta’ em outra vida. Portanto, seria um pagamento, uma expiação. Não seria algo correto, visto que entendem o correto apenas como a heterossexualidade. A homossexualidade, sendo algo desvirtuada da ordem divina, não-natural, invertida, deveria não ser apoiada e sim negada. Para os homossexuais, seria aconselhável a castidade e

nunca, em hipótese alguma, que os homossexuais deixassem aflorar qualquer sentimento ou comportamento homo. Relações com outros iguais, então, nem pensar. Caso isso acontecesse, poderia agravar ainda mais o *karma*, fazendo com que, em outra encarnação, esta ‘inversão’ voltasse a ocorrer.

Além disso, há uma culpa embutida que, a meu ver, parece maior do que a da religião católica. Enquanto nesta última, o homossexual estaria condenado apenas a si mesmo, na espírita o homossexual estaria, através de sua prática, impedindo que outras almas encarnassem; estaria impedindo que outras evoluíssem. Além de condenar a si, também condenaria outras.

4. 1. 4. Budismo

O Budismo prega que todos (independente de raça, gênero ou orientação sexual) podem seguir sua filosofia. Não importa o exterior do indivíduo (como se apresenta para a sociedade), mas seu interior, já que todos possuem potencial de ‘iluminação’ e podem atingir o estágio de ‘Buda’. Portanto, hétero, homossexual, travesti ou de qualquer orientação *queer* são aceitos.

Em uma reunião a que tive acesso, em uma tarde de sábado de janeiro de 2009, foi constatado isto; todas as presentes ³⁹aceitavam sem qualquer discriminação a presença da travesti, Fiona, que ali se encontrava.

4.1.5. Wicca

Segundo a líder *wicca* Cynthia⁴⁰, do grupo da Internet *Wicca*:

³⁹ A reunião (em um apartamento localizado na zona sul carioca) era destinada apenas a líderes budistas femininas da cidade do Rio de Janeiro; portanto, não havia homens, com exceção feita a minha presença. A reunião teve início com recitação de um mantra por alguns minutos e, depois, houve uma discussão sobre os planos e metas do grupo budista para 2009.

“A *Wicca* é uma nova forma de se praticar as antigas tradições da bruxaria. Ao contrário do que a maioria pensa, não há nada de mal nela; cultuamos a natureza em todas as suas formas de vida com muito amor e respeito; acreditamos em mais de um Deus e a maioria das tradições enfatiza a Divindade Suprema como feminina, sendo a masculina seu complemento. Porém, não acreditamos em diabo ou nada do gênero!

Todas as pessoas nascem bruxos e bruxas e todos podem ser *wiccanos*, sem exceção. O caminho para entrar na *Wicca* não é muito diferente de todas as outras religiões; primeiro, deve-se entender as filosofias e práticas, encontrar pessoas que já fazem parte desse círculo (cuidado com charlatães) e, finalmente, encontramos um Mestre, Sacerdote ou Sacerdotisa que já esteja a um bom tempo dentro da religião e praticante, para ser iniciado (a)”.

4.1.6. Religiões cristãs inclusivas

Embora a religião tradicional cristã (na vertente católica ou reformada) não aceite a travesti (e os homossexuais em geral), há novas igrejas no Rio de Janeiro, autodenominadas inclusivas. Estas têm como proposta o acolhimento, sem discriminação, dos excluídos (por qualquer motivo que seja), principalmente por sua orientação homoafetiva. Uma delas denomina-se Betel⁴¹, tendo sua sede na Lapa, centro do Rio de Janeiro. Participam dela gays, lésbicas e transexuais. Até o momento, não há travestis.

Igrejas como esta possibilitam uma rede para os excluídos, que passam a ter o sentimento de pertença a uma comunidade, podendo criar um tipo de

⁴⁰ Através de comunicação pessoal (email).

⁴¹ Betel, em grego, significa ‘Casa do Senhor (Deus)’.

solidariedade mecânica; fazem uma leitura crítica dos livros da Bíblia, questionando as passagens que, historicamente, condenam os homossexuais. Neste enfoque, analisam que alguns termos foram traduzidos de forma incorreta e que certas prescrições são específicas para o povo judeu daquela época, e não para gerações posteriores ou mesmo culturas diferentes. Faço aqui uma ressalva: o termo *igreja gay*, às vezes usado para denominá-las, não é correto. As igrejas inclusivas têm como proposta o acolhimento de todas as pessoas, independente de sua orientação sexual. No entanto, são igrejas reformadas, isto é, baseadas nos princípios da Reforma Protestante, do século XIX. Diferem das católicas em três aspectos básicos: não aceitação do culto aos santos, não aceitação do Papa como líder supremo e divergências quanto à Eucaristia⁴².

As mais antigas inclusivas, no Brasil, são a Comunidade Metropolitana e a Igreja Cristã Contemporânea.

No entanto, mesmo essas igrejas inclusivas não possuem travestis entre seus membros. A Igreja Contemporânea, por exemplo, segundo comunicado pessoal de Natividade (2008), possui no momento apenas seis travestis. Em entrevista com o Pastor Gladstone, da Igreja Cristã Contemporânea, em dezembro de 2008, foi constatado que não havia nenhuma travesti atualmente. Havia apenas uma transexual frequentando a igreja regularmente.

4. 2. Novas leituras

Continuando a questão da discussão acerca da leitura literal de livros religiosos, podemos acrescentar que alguns foram textos escritos durante os últimos anos, sobre o acolhimento do homossexual pelas igrejas. Há, por exemplo, o livro divulgado pela Igreja Contemporânea, *A Bíblia sem preconceitos* (Gladstone, 2006).

⁴² No catolicismo, há a crença de que, na celebração da missa, o pão é literalmente a carne e, o vinho, o sangue de Jesus. As igrejas reformadas discordam; postulam que se trata apenas de uma simbologia.

Provavelmente, um dos primeiros a escrever sobre homossexualidade e Bíblia, com uma proposta de releitura no século XX, foi o então padre católico Daniel A. Helminiak (Filho, 2000). Sendo clérigo em Boston (EUA), teve contato com adolescentes americanos que tinham sido expulsos de casa pela sua orientação sexual. Começou então a estudar textos bíblicos que faziam referências a homossexualidade; publicou *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, aonde tentava interpretar passagens bíblicas de forma não literal (idem).

Esta forma se dava ao entender, juntamente com o texto, o contexto em que fora escrito. Entendia que não se podia aplicar o texto a todas as épocas, visto que era fruto de uma determinada época. Segundo Helminiak (Filho, 2000, p. 22), o erro não estava na Bíblia em si, mas da forma com que as pessoas a liam, o que terminaria por distorcer a verdadeira mensagem ali contida.

Entre as passagens sobre uma suposta condenação da homossexualidade, uma das mais citadas é a de Sodoma e Gomorra. Nesta, é narrada a história de dois anjos do Senhor que foram à cidade de Sodoma. Lá chegando, foram acolhidos na casa de Lot. Sabendo desta acolhida, homens da cidade foram até a referida casa, bateram na porta e falaram que queriam ‘conhecer’ os estrangeiros. A palavra usada (‘yadtha’, na língua hebraica) tinha a conotação de, além de conhecer, ‘violentar sexualmente’. Lot, para proteger os visitantes, oferece suas duas filhas para serem violentadas em seu lugar, mas a multidão não aceita a troca e invade a casa. Acabam sendo cegados pelos anjos; Lot e sua família acabam indo embora da cidade, que logo após é destruída por uma chuva de fogo e pedras.

É interessante que não se costume atentar para o comportamento de Lot, que propôs a troca dos estrangeiros pelas suas filhas; mas não tratarei disto. Muitos estudiosos interpretam esta passagem como se a destruição de Sodoma e Gomorra (cidade vizinha) tivessem sido destruídas por causa da violência sexual contra os estrangeiros; concluem que seria este ato, que denominaram homossexual, o responsável pela destruição das cidades. Isto seria uma comprovação do ‘erro’ da homossexualidade que atrairia a ira de Deus.

Esquecem-se (ou não sabem) que era um costume antigo a sodomização de inimigos, como forma de acabar com a sua moral. Há inúmeras histórias sobre soldados de exércitos na Antiguidade que sodomizavam (violentavam sexualmente, com a penetração pelo ânus) os soldados derrotados, como forma de humilhação. Isto não necessariamente comprova um ‘gosto’ homossexual; era uma forma de violação, de humilhação, de constrangimento para com os vencidos⁴³. Portanto, a história dessas cidades não seria sobre sexo homossexual; e sim sobre abuso (seja em qual forma aparecer) e desrespeito às regras de hospitalidade para com os estrangeiros, vigentes naquela época. Provavelmente esta regra de hospitalidade fosse tão importante, que Lot a colocou acima do bem-estar das próprias filhas.

Há outro relato bem semelhante na Bíblia (1982), em Juízes, 19:22. Também fala sobre um estrangeiro, Efraim, e sua concubina, que são acolhidos na casa de um velho senhor, na cidade de Gibéia. Os habitantes desta fazem a mesma proposta de ‘conhecer’ este homem. O ancião se nega e entrega a concubina para a multidão. Ela é estuprada repetidamente e morre devido aos ferimentos. A cidade, posteriormente, é destruída, por causa da falta de hospitalidade com ela. Portanto, aonde estaria a homossexualidade neste caso? Afinal, a violência sexual foi heterossexual.

Há uma passagem específica sobre travestilidade na Bíblia; encontra-se em Deuteronômio 22:5:

“A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher; aquele que o fizer, será abominável diante do Senhor, teu Deus”

Esta proibição acerca da travestilidade era uma forma de estabelecer os limites de gênero. Há dois outros versículos, contidos em Deuteronômio 22:9-11 (idem), com um tom semelhante; não se deve colocar juntos bois e jumentos, e nem juntar lã e linho na mesma roupa. Seria uma referência (em contraposição) a costumes dos povos pagãos daquela época. Os judeus, enquanto povo eleito de Deus e, por isso, confessional, deveria se distinguir dos demais. A separação tanto

⁴³ Segundo o Pastor Retamero, em palestra na Igreja Betel, em outubro de 2008.

de roupas quanto de animais seria então uma forma de distinção daquele povo em relação aos demais, pagãos.

Além disso, naquela época a mulher era considerada um ser inferior. Portanto, um homem que se vestisse como mulher seria rebaixado em sua comunidade. Assim também, uma mulher que se vestisse com roupas masculinas estaria elevando-se a mesma condição masculina; isto era impensável, pois causaria descrédito aos homens.

Há outras passagens, como a da Epístola de Paulo aos Coríntios (Bíblia Sagrada, 1982); no entanto, não irei continuar a interpretação destas para não fugir do tema desta dissertação, que não é apenas sobre a religião cristã.

As interpretações não-literais concluem que não se poderia usar a Bíblia para uma condenação da homossexualidade de forma honesta (Filho, 2000). As poucas referências não explicitam uma condenação de Deus à homossexualidade.

Outro ponto importante é que nos Evangelhos, Jesus não condena em nenhum momento a homossexualidade; nem mesmo chega a comentá-la. Portanto, se efetivamente fosse um pecado, provavelmente teria sido o assunto abordado por Jesus (Leeds; Trasferetti, 2002).

Alguns sites (da Internet) foram criados, nesta década, em defesa da homossexualidade e propondo questionar os posicionamentos oficiais das igrejas. Entre eles, o *Diversidade Católica*; além de sites de homossexuais judeus, budistas e testemunhas de Jeová.

Parece, portanto, haver uma maior aceitação da comunidade homossexual. O que condiz com os aspectos da pós-modernidade: a aceitação de um campo maior de possibilidades de escolha para o ser humano (Heilborn, 1996). Assim, haveria pelo menos um questionamento sobre a variedade da cultura humana; assim, a diversidade sexual também poderia vir a ser aceita. Os dogmas rígidos de estrutura de poder (principalmente religiosos) seriam menos aceitos, através de críticas e questionamentos (Revista Mente, Cérebro & Filosofia, 2008). Assim, exclusões radicais não seriam mais aceitas.

É neste sentido que Castel (2000) observa, quando fala sobre as exclusões, que um subconjunto não pode mais ser aceito, o do extermínio (nesta era pós-moderna):

“A modalidade mais radical de exclusão, a erradicação total, parece impossível, exceto pela degradação absoluta da situação política e social. Porém, é difícil que uma sociedade que tenha guardado um mínimo de referências democráticas possa suprimir puramente e simplesmente seus “ínúteis ao mundo” ou seus indesejáveis, como era o caso em outros tempos” (Castel, 2000, p. 43-44).⁴⁴

Portanto, é lícita a existência de um local aonde estes ‘indesejáveis’ possam subsistir; daí, a emergência e consolidação dos guetos. Mas propicia que estes guetos não sejam necessariamente estáticos, delimitados em determinado espaço, como o eram os da Varsóvia (Polônia) ou o Baixo Gay, na rua Visconde Silva (Brasil).

Parece haver possibilidade de que os guetos transcendam limites espaciais demarcados, a partir do momento que os sujeitos excluídos conquistam novos espaços e novos lugares, antes impensados. Um exemplo é o de travestis participantes em mesas de Congressos (como da UERJ, em julho de 2008) e como professores de discussão da diversidade nas Escolas cariocas, como o caso da travesti Majorie Machi, do Grupo *Diversidade na Escola*⁴⁵, ligado ao *Projeto Papo-Cabeça*.

⁴⁴ Castel (2000) identificou, na história da humanidade, três conjuntos de excluídos: os que são vítimas de genocídio; os que vivem em espaços fechados e isolados; os que possuem um ‘status especial’ e participam da sociedade, embora tenha seus direitos restritos e só participem em algumas atividades sociais.

⁴⁵ Projeto desenvolvido na Coordenação de Extensão do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Foi criado em 2005 (www.papocabeça.me.ufrj.br/diversidade).

Assim, a travesti sai cada vez mais dos espaços fechados; entra em determinados círculos sociais ou culturais que permitam uma maior visibilidade; com isso, uma maior aproximação com a sociedade. Isto permite a vivência de que são seres humanos como todos os demais, embora com especificidades diferentes, mas que não são negativas. Este processo permite uma humanização das travestis, com o objetivo de maior respeito e menos inclusão perversa.

Os homossexuais podem sentir-se ameaçados de anomia; se aceitarmos a hipótese de que a religião dá sentido à vida das pessoas, uma instituição religiosa que tenha como foco o público homossexual pode dar esta nomia⁴⁶. Para possuir autonomia e obterem emancipação (visto que esta depende da primeira), tem que possuir uma nomia.

Como alcançarão a emancipação, se não tem autonomia? Como possuirão esta última, se sofrem de anomia?

A religião (enquanto princípio de amor e tolerância) pode ser uma estrutura que permita esta ‘nomia’ positiva para este grupo?

Embora a violência seja um elemento constitutivo da rua, como mostram etnografias como as de Silva (1993), não é lícito, com este dado de realidade, validar a violência como sendo condição para a vivência travesti. Com políticas públicas e com uma maior humanização das travestis, esta violência pode passar a ser considerada possível, mas não constitutiva. Esta violência é:

“praticada contra elas sempre cumpre a função de reforçar a condição de abjeção, geralmente incidindo diretamente sobre os signos de sua diferença: as marcas corporais e subjetivas que atestam a recusa da norma” (MacDowell, 2008).

⁴⁶ Nomia, no sentido de terem uma nomeação, uma identidade positiva.